



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**  
**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**  
**LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA**

**Um olhar sobre o Processo de Reintegração Social dos  
Desmobilizados de Guerra Civil Submetidos a Rituais de  
Limpeza e Purificação**

**Agostinho Manuel Neves**

**Supervisor: Dr. José Teixeira**

**Maputo, Setembro de 2012**

# **Um olhar sobre o Processo de Reintegração Social dos Desmobilizados de Guerra Civil Submetidos a Rituais de Limpeza & Purificação**

Autor

.....  
Agostinho Manuel Neves

Trabalho de Conclusão do Curso de Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências  
Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

.....  
José Teixeira

.....  
Hélder Nhamaze

.....  
Danúbio Lihaha

Maputo, Setembro de 2012

## **Declaração de honra**

Declaro por minha honra que este relatório de pesquisa nunca foi apresentado na sua essência para obtenção de qualquer grau, e que o mesmo constitui o resultado da minha investigação pessoal, e estão indicadas no texto e na bibliografia as fontes utilizadas.

Agostinho Manuel Neves

.....

Maputo, Setembro de 2012

## **Dedicatória**

*A memória da minha eterna e saudosa sobrinha (Silla) Priscila Rogério das Neves.*

*Perdoe-me pelos momentos de convívio que deixei de te dar por muitos meses.*

Dedico este trabalho aos meus primeiros professores da escola da vida; Meu pai Manuel Neves e minha Mãe Balbina Raibo, pelo amor incondicional e pelos indelévels ensinamentos pautados por honestidade, humildade, trabalho e respeito ao outro. Meus sinceros agradecimentos por partilharem comigo o vosso modo prático de pensar e agir.

*Agradeço a Deus, pela maior bênção de todas, a vida.*

## **Agradecimentos**

O presente estudo tornou-se possível mediante a contribuição de muitas pessoas que sempre estiveram ao meu lado e expressaram seu apoio de diversas formas. Agradeço ao meu supervisor Dr. José Teixeira pela atenção disponibilizada ao longo do trabalho. Sou muito grato ao Dr. Emídio Gune pelas sugestões indispensáveis na realização desse relatório. Obrigado por partilhar uma parte da sua experiência comigo.

Gostaria igualmente de agradecer ao Dr. Danúbio Lihaha por transmitir esta adorável mania de deixar antropologia circular em minhas veias. Em nome da Antropologia vai o meu indelével agradecimento a todos docentes do Departamento da Antropologia pelos ensinamentos emprestados ao longo da formação.

Agradeço profundamente aos meus pais; Manuel Neves e a minha mãe Balbina Raibo (dona Berenice). Agradeço aos meus irmãos; Leidita (Djivinão), Rogério, Germano, Gilda (Djivina), Ginha, Awinha, Lia pelo apoio, carinho demonstrado durante os quatro anos longe de casa. Obrigado por serem meus irmãos. Agradeço também aos meus sobrinhos; Evanilda, Óscar e Kelves.

Aos meus primos, tios e cunhados; Doroteia, Natália, Moisés, Ângela, Nísio, Sérgio Arsénia, Denilson, Dominginho, Kathupa, Kassita, Nthawali. O vosso apoio foi indispensável nesta incansável batalha de formar-se em antropologia

Aos meus amigos de sempre; Dulce, Dito, Azarias, Dinho, Haita, Mubate, Oldo, Adelino, Quina, Xina, Jango, Pilale, Romão, Fátima, Deyse, Simão, Dilio, Rajabo, Betz, Dinito e a ti Figo, obrigado por me estenderes a mão nos momentos mais difíceis da academia e por partilhares comigo a feliz convivência.

Aos colegas do curso de Antropologia 2008, especialmente ao mano Agostinho Viana, Kate Niconte, Chomulo Guena, Nelson Escritório, Genito Sousa, pelo convívio, pela força, pela partilha de momentos tristes da vida académica e os debates acesos.

À todos os desmobilizados de guerra civil submetidos a rituais de limpeza e purificação. Que a esperança na obtenção duma vida melhor sempre prevaleça. Especialmente ao Sr. Torres da AMODEG.

## **Resumo**

O estudo analisou o processo de reintegração social dos desmobilizados de guerra civil, submetidos a rituais de limpeza e purificação. A pesquisa centrou-se na narração das trajetórias de vida dos desmobilizados. Este método permitiu-nos analisar a maneira como articulam os discursos sobre as suas experiência a partir; da vida antes da guerra, na guerra e pós-guerra.

A fase etnográfica baseou-se numa entrada ao terreno realizada nas Cidades de Maputo e Pemba. Em Maputo, a pesquisa decorreu nos meses de Julho e Agosto de 2011. No que respeita a Cidade de Pemba, a pesquisa decorreu nos meses de Janeiro a Fevereiro de 2012. A área específica de observação e conversas foi na Associação dos Desmobilizados de Guerra (AMODEG).

Os resultados, revelam que o processo de reintegração social dos desmobilizados de guerra civil, submetidos a rituais de limpeza e purificação efetua-se numa aprendizagem continua no dia-a-dia. Esta aprendizagem é feita de duas maneiras, por um lado de forma paulatina, por vezes acompanhada por recordações da guerra. Por outro, depende muita das vezes da agilidade de cada individuo, das oportunidades criadas, por eles, por vezes com ajuda da AMODEG.

**Palavras-chave;** *Integração, Reintegração e Ritual*

## **Lista de abreviaturas**

ONUMOZ- Organização das Nações Unidas em Moçambique

FRELIMO-Frente de libertação de Moçambique

RENAMO-Resistência Nacional Moçambicana

AMODEG- Associação Moçambicana dos Desmobilizados da Guerra Civil

ADEMIMO- Associação dos Deficientes Militares e Para militares de Moçambique

## **GLOSSÁRIO**

**Kuphalha-** expressão Changana para designar o ritual de limpeza submetidos aos regressados de guerra. Importa referir que este termo é abrangente igualmente usado para referir rituais de várias ordens.

**Tinhanha-** expressão Changana para designar o curandeiro que pratica o Kuphalha.

**Maguezi-** expressão Changana para designar maus espíritos.

**Nthukuryo-** expressão Macua para designar o ritual de limpeza submetidos aos regressados de guerra.

**Mavuka-** expressão Macua para designar maus espíritos.

**Humo-** expressão Macua para designar o líder de uma linhagem.

**Apwiamene-** expressão Macua para designar a rainha de uma linhagem.



## **Índice**

Declaração de honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Abreviaturas.....	vi
Resumo.....	v
<b>1. Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>2. Revisão da literatura.....</b>	<b>3</b>
2.1 Conceptualização.....	5
2.2 Integração.....	5
2.3 Reintegração.....	5
2.4 Ritual.....	6
<b>3. Questões Metodológicas.....</b>	<b>6</b>
3.1 Acesso ao Contexto de Investigação e Selecção de Informantes.....	7
3.2 Instrumentos de recolha de dados.....	9
3.3 Observação directa.....	9
3.4 Procedimentos de Análise dos Dados.....	10
3.5 Constrangimentos.....	10
<b>4. A vida antes da guerra;.....</b>	<b>11</b>
<b>Este tempo Eu seria diferente!.....</b>	<b>11</b>
4.1 A vida na guerra;.....	12
Combater para Sobreviver.....	12
4.2 A vida depois da guerra ;.....	15
Viver sem matar.....	15
4.3 Destino após a desmobilização.....	17
4.4 Discussão.....	19
<b>5. Considerações Finais.....</b>	<b>22</b>
<b>6. Referências Bibliográficas.....</b>	<b>24</b>

## 1.Introdução

O presente estudo analisa o processo de reintegração social dos desmobilizados de guerra civil submetidos a rituais de limpeza e purificação. O estudo remete-nos para o campo da Antropologia do Simbólico, sobretudo no debate sobre os rituais.

Neste debate identificamos duas perspectivas; em que a primeira o ritual é caracterizado por algo fechado e arcaico. A Segunda perspectiva, o ritual está ligado a esfera religiosa. No entanto, ambas abordagens têm em comum que o ritual estrutura as sociedades<sup>1</sup>. É justamente neste argumento que desenvolvemos o ritual ao longo do estudo.

Nos meses de Fevereiro a Junho de 2011, Maputo presenciou o aumento de debates conflituosos entre o Governo do País e os desmobilizados, no que respeita ao processo de reintegração social dos ex-militares. Estes exigiam a fixação de pensões de reforma; igualdade de direitos entre os desmobilizados e os antigos combatentes; houve ameaças de greves e marchas reivindicativas. Muitos destes debates acima referidos tiveram lugar na imprensa televisiva, radiofónica e jornal<sup>2</sup>.

Num exercício de contextualização, Moçambique terminou a guerra civil com o Acordo Geral de Paz de 1992 assinado em Roma. O acordo condicionou a desmobilização de milhares de soldados moçambicanos. Portanto, após a desmobilização houve a preocupação de reintegrar os profissionais de guerra na sociedade.

Este facto possibilitou que o processo de reintegração social sobreviesse de duas maneiras; por um lado, de acordo com Geffray (1991) & Vines (1991) a reintegração aos ex-profissionais de guerra em Moçambique baseou-se na busca individual e colectiva de condições financeiras para os enquadrar na sociedade.

Neste sentido, Coelho (2003:198) explica que as Nações Unidas em Moçambique (ONUMOZ) montaram uma operação de manutenção de paz que envolvia Programas de

---

<sup>1</sup> O debate sobre esse assunto pode ser encontrado nas reflexões de, Van Gennep (1978), Mircea Eliade (1991) Victor Turner (74), Mary Douglas (1976), Alcinda Honwana (2002) Paulo Granjo (2007) Adriane Rodolpho (2004).

<sup>2</sup> Podemos destacar a Soico Televisão (STV) que no dia 22.03.2011 no programa “Debate da nação” . De forma semelhante a Televisão de Moçambique (TVM) no dia 21.03.2011 no “Telejornal”. Rádio Moçambique (RM) no dia 03.03.2011,e por fim Jornal Noticias no dia 02.04.2011.

Desmobilização e Reintegração dos ex-soldados e é neste contexto que uma parte dos desmobilizados recebeu pensões de reforma. Mesmo assim, este processo caracterizou-se por um fracasso devido as suas complexidades política e económicas.

Por outro e para além da reintegração que envolveu esforços políticos e económicos da comunidade e do governo a reintegração teve em conta também os rituais de limpeza e purificação que referimos no início deste estudo. Por conseguinte Honwana (2002) observa que o retorno dos desmobilizados foi acompanhado por uma ritualização levada a cabo pelas famílias. Na verdade, grande prioridade das famílias mesmo antes da estabilização material foi a harmonização das relações com os espíritos ancestrais que teve em conta a ‘purificação’ dos indivíduos e dos espaços físicos afectados pelo conflito.

Na mesma linha, Granjo (2007) ilustra que os diversos rituais no qual os desmobilizados foram submetidos tornaram-se fundamentais para o processo de reintegração social nos primeiros anos pós-guerra. Todavia Honwana e Granjo descrevem os rituais submetidos aos desmobilizados sem aprofundar (nos seus estudos) a fase subsequente que envolve o dia-a-dia dos desmobilizados.

É exatamente, à luz deste debate que nos propusemos estudar o processo de reintegração social dos desmobilizados da guerra civil, submetidos a rituais de limpeza e purificação com vista a identificar os desmobilizados submetidos a rituais e descrever a sua trajectória de vida enquanto afirmação de desmobilizado, por último pretendemos compreender e interpretar o seu processo de reintegração social.

O presente estudo subdivide-se em seis capítulos. No capítulo I temos a introdução, capítulo II reservamos a revisão da literatura e conceptualização. No capítulo III reservamos os métodos e as técnicas de recolha e análise de dados. O IV capítulo comporta a descrição, análise e a interpretação dos dados. O V capítulo corresponde as considerações finais, por último e VI capítulo apresentamos as referências bibliográficas utilizadas.

## 2. Revisão da literatura

Neste capítulo sistematizamos ideias que explicam o ritual como algo que estrutura as sociedades. Em seguida apresentamos alguns conceitos usados no estudo especificamente; a integração, reintegração e ritual.

Genep (1978:157) refere que os rituais desempenham um papel fundamental na sociedade pois enfatizam a passagem de uma fase para a outra ao longo do crescimento com vista a transformação de estatuto social dos envolvidos numa determinada fase da vida.

Para Genep (1978:25-27) os ritos de passagem se encontram estruturados em três etapas nomeadamente: separação, margem e agregação. Os ritos de separação são mais praticados nas cerimónias dos funerais, os ritos de margem são mais versáteis, habitualmente feitos na gravidez, no noivado, na iniciação, no novo casamento, na passagem da segunda para a terceira classe de idade. E por último os ritos de agregação, são praticados exclusivamente no casamento.

Porém não concordamos com o posicionamento de Genep, porque esta estrutura não é linear pois, não se enquadra ao modelo apresentado no nosso estudo na medida em que estabelecemos a seguinte base estrutural; pré-guerra, guerra e pós-guerra<sup>3</sup>. Este debate será apresentado com mais vagar no quarto capítulo.

Por conseguinte Turner (1974:24) ao reforçar as ideias de Genep, observa entre os *Ndembo*s que os rituais têm um papel importante na estrutura da sociedade porque facilitam a resolução de conflitos sociais, a nível local tal como entre as aldeias vizinhas. Deste modo, o posicionamento de Turner permite-nos olhar que o retorno dos desmobilizados na sociedade foi considerado perigoso do ponto de vista da manutenção da ordem e lei. Estas pessoas eram temidas porque poderiam poluir a comunidade particularmente a família, através dos maus espíritos adquiridos em tempos de guerra.

---

<sup>3</sup> Os nossos informantes tinham uma vida social estruturada com determinadas lógicas. Depois foram submetidos a guerra, um contexto com lógicas estranhas completamente diferente da vida anterior, eles adquiriram as regras como forma de sobrevivência. Posteriormente foram desmobilizados e destinados a contextos semelhantes dos que teriam vivido antes da guerra. No entanto, uma das condições para serem aceites na comunidade seria a passagem pelos rituais de limpeza e purificação.

Neste âmbito, Turner (ibid) recorda que nesta sociedade através do ritual, o povo *Ndembo* expressa a sua lógica de forma convencional e obrigatória, transmitindo os valores do grupo de geração em geração.

No entanto, Gennep (1978:57) observou que em muitas destas ritualizações se estabelece o que é aceitável e o que não é, instauram-se os tabus e proibições, definem o sagrado e o profano, estruturam-se noções do puro e do impuro.

Estes aspectos são profundamente referenciados no estudo da antropóloga Mary Douglas (1976) ao analisar a questão da ordem e desordem, pureza e impureza, profano e sagrado. Douglas (1976:56) explica que uma sociedade é estruturada de duas formas, a primeira baseada nos comportamentos, atitudes, instituições, e a segunda na classificação desses valores sob rótulos de puros e impuros com objectivo de evitar o desequilíbrio social.

Nesta lógica, para a antropóloga em referência, a *sujeira* é desordem porque culturalmente está ligada a coisas impuras. Assim, as coisas impuras são nocivas e devem ser afastadas para que haja padrão em uma determinada sociedade.

O que foi dito até aqui, permite-nos entender que os rituais de certa forma estruturaram a sociedade pois em muitas situações as pessoas de uma certa comunidade manifestam as suas regras através dos rituais que permitem separar o que é aceitável e o que não é, o puro e o impuro. Com isto, entende-se que o regresso dos desmobilizados em grande parte foi assistido por ritualizações de varia ordem.

No entanto, urge recordar Leslie-White *apud* Laraia, (1992: 56) quando refere que todo o comportamento humano se origina no uso de símbolos e toda a cultura depende de símbolos que permite o homem construir a sua visão do mundo.

Foi nesse contexto que os antropólogos moçambicanos Honwana (2002) & Granjo (2007) estudaram a possessão por espíritos em soldados retornados da guerra civil. As posições desses autores partilham que os rituais de limpeza e purificação tornaram-se fundamentais no retorno a normalidade dos desmobilizados nos primeiros anos depois da guerra.

De facto, os rituais emprestam formas convencionais para organizar certos aspectos da vida social. Deste modo, julgamos que o retorno a normalidade, isto é, a reintegração

social é feita de forma vagarosa pois, nalgumas vezes os desmobilizados têm nostalgia da guerra. Assim torna-se importante aprofundar o processo de reintegração dos ex-militares.

## **2.1 Conceptualização**

Neste subcapítulo reservamos os conceitos usados no trabalho; integração, reintegração e ritual. Os conceitos referenciados são importantes porque nos possibilitam compreender a versatilidade de significados no estudo.

## **2.2 Integração**

No ponto de vista da sociologia, Parsons *apud* Schanpper, (2007) observa que à integração é um processo de socialização e aprendizagem contínua que o indivíduo interioriza sobre as normas colectivas. A socialização permite a apropriação entre a cultura, a sociedade e a personalidade.

Deste modo, o termo integração vai ser articulado como um processo pessoal e colectivo a uma nova maneira de viver. Por conseguinte, os desmobilizados integram-se, quando se incluem num novo conjunto social e económico sobretudo aos desmobilizados que não voltaram a sua zona de origem.

## **2.3 Reintegração**

Reintegração é um termo que abrange várias dimensões, económica, social, cultural, simbólica, política entre outras formas. Dentre elas acreditamos ser adequados para o nosso estudo, as dimensões sugeridas pelo Granjo (2007) ; económica, socio-cultural, simbólica.

Desta forma, o conceito de reintegração vai ser usado como o retorno a normalidade baseada na aprendizagem contínua dos indivíduos; a nível, económico, socio-cultural e simbólico principalmente para os soldados que regressaram as suas zonas de recrutamento.

## **2.4 Ritual**

Para Rivière (1932), os rituais são actos formalizados conforme o que se espera e portadores de uma dimensão simbólica com sua linguagem e comportamentos específicos, tais como gestos, palavras e objectos.

Por seu turno, Giuliani (2006:157) recorda que trabalhar com ritual como algo fechado, torna-se arriscado, sob pena de tentar aprender algo com uma lógica própria, expressa através de símbolos, sua linguagem, que pode ser reinterpretada em outra linguagem daí que exige se tomar algumas precauções na análise deste fenómeno.

Nas palavras do autor “*Seria como almejar traduzir para a escrita algo que não pode ser escrito e, sim, entendido e “sentido” no contexto ritual*”. Assim, para o nosso relatório, ritual é entendido como algo determinado e que tem diversas classificações dependendo da etapa em que se encontra.

## **3. Questões Metodológicas**

O estudo centrou-se na narração das trajectórias de vida dos desmobilizados. Este método permitiu-nos analisar os discursos articulados pelos desmobilizados a partir da sua base estrutural; a vida antes da guerra, a vida na guerra e pós-guerra.

Segundo Poirier, Jean *et all* (1995: 45) no relato da trajectória de vida é privilegiada a singularidade não numa perspectiva individual, mas como reveladora de um certo vivido social. Assim, o indivíduo é a amostra da comunidade.

O relatório obedeceu três fases complementares e recorrentes entre si. A primeira teórica, a segunda etnográfica e a terceira descrição e análise dos dados. A fase teórica foi feita através de consultas de, livros, documentos ministeriais, teses, artigos entre outras).

A fase etnográfica baseou-se numa entrada ao terreno realizada nas cidades de Maputo e Pemba. Em Maputo a pesquisa decorreu nos meses de Julho e Agosto de 2011. No tocante a cidade de Pemba, a pesquisa decorreu nos meses de Janeiro a Fevereiro de 2012. Ambas as pesquisas aconteceram na AMODEG. Estas etapas de pesquisas foram marcadas por observação directa, entrevistas semi-estruturadas, conversas informais e outras técnicas de recolha de dados.

A observação directa era feita na AMODEG, no Ministério dos Combatentes, nas casas dos desmobilizados. A observação baseada nestes locais permitiu-nos articular os discursos e as praticas dos entrevistados.

As entrevistas foram feitas individuais assim como colectivamente. As conversas individuais muitas vezes iniciadas na AMODEG e levadas as ruas, as barracas, as suas residências.

As conversas colectivas simplesmente aconteceram na AMODEG. Aqui quando os soldados contavam as suas histórias, era notável a irresistência dos seus companheiros na contribuição de um ou outro elemento em jeito de acréscimo.

A terceira e última fase foram feitas com base em descrição e análise dos dados recolhidos nas duas últimas fases, esta fase culminou com a elaboração do presente relatório de pesquisa. Foi similarmente marcada por descrição, categorização e análise dos dados.

### **3.1 Acesso ao Contexto de Investigação e Selecção de Informantes**

Os pesquisadores conheceram a AMODEG através da rede electrónica (internet). No dia 1 de Julho de 2011, numa sexta-feira, dirigiram-se pela primeira vez para a instituição para falar com a secretária do presidente. Na verdade o presidente andava ausente, sendo indicado para falar com o porta-voz desta associação.

Este recebeu-nos com alguma desconfiança devido ao ambiente conflituoso que existia sobre a fixação de pensões. Depois de duas horas de conversa, de apresentação e esclarecimentos o porta-voz da associação ficou a saber que éramos provenientes da mesma província e convidou-nos para visita-lo em sua casa, no dia três que seria num domingo. Após isso, indicou-nos alguns desmobilizados para conversar.

A indicação dos desmobilizados não teve consciência de quem teria passado pelos rituais de purificação, deste modo no meio de dez desmobilizados fomos chamando um por um, usando o critério de ser desmobilizado e ter passado pelos rituais de purificação. E naquele dia simplesmente dois teriam sido submetidos a este processo de ritualização.



Em seguida, graças aos entrevistados, foram nos indicando outros desmobilizados que teriam sido submetidos a rituais de limpeza. É desta maneira que se explica a selecção dos nossos informantes<sup>4</sup>.

Para a presente pesquisa foram entrevistados nove indivíduos, sete do sexo masculino e os restantes dois do sexo feminino. Todos são desmobilizados da guerra civil submetidos a ritual de purificação. Estes soldados são provenientes de todo o país. Repartidos nas três grandes regiões; norte, centro e sul. Cinco (5) vivem nos bairros periféricos da cidade de Maputo e os restantes quatro vivem nos bairros da cidade de Pemba. Na sua maioria os entrevistados aparecem na associação para reivindicar e actualizar os seus direitos.

A narrativa dos entrevistados relata que o seu nível de escolaridade varia do primário, básico, médio e superior. A tabela abaixo ilustra de forma detalhada os dados.

**Tabela 01: Perfil dos Entrevistados do estudo**

<b>Informantes</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Morada</b>	<b>Ocupação</b>
Machado	41	6ª Classe de antigo sistema	Matendene	Segurança da Petromoc
Amade	50	6ª Classe de antigo sistema	Cariáco	Segurança privado
Basilio	52	10ª Classe	Chiquelene	Segurança privado
Torres	50	12ª Classe	Cariáco	Membro -AMODEG
Tereza	54	12ª Classe	Matendene	Membro -AMODEG
Alfredo	48	10ª Classe	Laulane	Segurança privado
Joana	55	2º Ano ensino superior	Natite	Professora
Abudo	47	12ª Classe	Hulene	Contabilista
Alifo	52	4ª Classe	Alto Gingone	Motorista

---

<sup>4</sup> Segundo Richardson (1999), uma amostra é intencional quando os elementos que formam o grupo alvo são escolhidos de acordo com certas características formuladas pelo pesquisador, e sendo mais adequados a estudo do tipo qualitativo

### **3.2 Instrumentos de recolha de dados**

Durante a pesquisa esforçamo-nos a ganhar confiança dos entrevistados, em algumas vezes, visitávamos as suas casas, apresentavam-nos os membros da família e amigos. Quando estivéssemos fora da associação assim como das suas residências, almoçávamos nas barracas, e consumíamos bebidas alcoólicas. Por vezes, oferecíamos algum dinheiro (dez ou quinze meticais) para pagar transportes públicos; os vulgos chapa cem, Transportes Públicos de Maputo (TPM),

### **3.3 Observação directa**

A observação directa foi feita por um lado na AMODEG. Aqui tínhamos acesso de observar o tipo de pessoas que frequentavam o local, em quantas vezes vinham por semana, quais eram as suas atitudes quando chegassem.

Muitas das vezes eram desmobilizados de guerra civil a reivindicar pelos seus direitos. Colocavam questões como; quando é que vai sair o meu dinheiro? Porque é que meu nome nunca aparece na lista? Eu já estou farto destas brincadeiras.

Quando chegassem à associação dirigiam-se frequentemente às paredes para verificar a lista de pessoas inscritas para receber as pensões, para os que constavam os seus nomes manifestavam alguma esperança. Pelo contrário, para os que não constavam dirigiam-se imediatamente para o gabinete mais próximo, se inscrever ou procurar os seus processos.

Era comum ver-lhes em grupo de dois ou três a conversar. Nalgumas vezes com risadas, e noutras com algum sentimento de mágoa ou desespero. E por outro lado a observação era feita nas suas residências, assim como nas barracas. Nestes locais permitia-nos captar os comportamentos dos entrevistados.

Na sua maioria, os entrevistados vivem em casas de blocos e cobertas de zinco, matopes e palhas com dois quartos e uma sala. Com um agregado familiar que varia de cinco a sete pessoas; a esposa e os filhos.

### **3.4 Procedimentos de Análise dos Dados**

Nesta parte escrevemos fielmente e com detalhes as observações e as entrevistas para análise dos dados. Este caminho tornou-nos útil, pois facilitou-nos a compreender as semelhanças e as diferenças existentes nas entrevistas. Deste modo, análise de dados consistiu na selecção, categorização e interpretação de depoimentos extraídos das conversas. A descrição de cada categoria é ilustrada por falas dos participantes e discutida à luz da literatura.

### **3.5 Constrangimentos**

Uma pesquisa é um relato de longa viagem na qual o sujeito tem a missão de revistar os lugares por onde passa. Pesquisar sobre o processo de reintegração social dos desmobilizados submetidos a rituais de purificação, é de alguma forma, invasão de privacidade. A partir do momento que as pessoas recordam as atrocidades da guerra. Não obstante, foi uma oportunidade para os pesquisadores conhecerem as experiências do grupo pesquisado.

Esta viagem foi acompanhada por vários constrangimentos. Numa primeira fase, a nossa visita a AMODEG coincide com a manifestação dos desmobilizados de guerra, exigiam a fixação de pensões de reforma, a igualdade de direitos entre os desmobilizados de guerra e antigos combatentes. Com isto, a nossa presença foi confundida de duas maneiras; de uma maneira, fomos vistos como uns autênticos salvadores, alguém que veio colher sensibilidades para solucionar o problema.

De forma a ultrapassar esta dificuldade, lembramos os ensinamentos de Freedman (1978:12-13) recordava que, “o trabalho de campo, sendo uma arte, só se pode ensinar até certo ponto”. Este autor diz que o trabalho de campo não exige grandes qualidades intelectuais, mas sim as habilidades do pesquisador, adquiridas ao longo da sua convivência.

Assim, fruto desse ensinamento avançámos com a nossa insistência e neutralidade no assunto, clarificando a nossa situação de estudantes, para o efeito, contamos com o apoio do porta-voz da associação para os respectivos esclarecimentos. Foi assim que ultrapassamos esta situação.

De outra maneira, confundiram-nos com espião, que vinha seleccionar os nomes dos manifestantes para o governo. Olhar de desconfiança destes senhores, remeteu-nos a exhibir a credencial e o cartão de estudante com frequência, retirando todas as dúvidas, enaltecendo a necessidade de não perguntar os nomes e os seus respectivos contactos. Deste modo, dávamos por ultrapassado mais um momento constrangedor e habitual nas pesquisas de campo.

Numa segunda fase, convidaram-nos para fazer parte da associação como membro honorário, um representante nas reuniões com o governo, as igrejas, e outros encontros. Esta situação foi-nos mais difícil superar porque eles imploraram que aceitasse o pedido.

Para esta situação, esclarecemos que enquanto pesquisador não cabia-nos o papel de representar a associação, mas sim recolher dados de modo a compreender a situação dos desmobilizados.

#### **4. A vida antes da guerra;**

##### **Este tempo Eu seria diferente!**

Os entrevistados, quando solicitamos para partilharem as suas experiências de vida antes da guerra apresentam uma narrativa com a seguinte estrutura; profissões, parentesco e conflitos.

Os entrevistados exerciam profissões diversas, tais como; estudantes, pescadores, camponeses, Professores, enfermeiros, mecânicos, empreendedores entre outras. Nos relatos, Eles procuram sempre enaltecer os sonhos que tinham para o futuro. Para os estudantes acreditavam numa formação académica e um bom emprego. Os funcionários ansiavam uma vida saudável com a esposa e os filhos. Os empreendedores em se tornarem grandes empresários nas suas comunidades. Conforme apresenta o informante.

Sabe! Meu irmão! o meu pai era o melhor pescador de Pebane, uma parte do peixe era para a família em casa, e outra nos vendíamos no mercado. Este tempo, tínhamos uma loja ou qualquer coisa boa<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Machado - uma entrevista realizada na AMODEG-Maputo e levada as ruas. No dia 10 de julho de 2011.

No tocante ao nível do parentesco, os desmobilizados na sua maior parte viviam com as suas famílias; por um lado, pai, mãe, irmãos. Por outro lado, esposa e filhos. Aqui, insistem nas lamentações de não ter continuado a convivência com os parentes. Recordam as conversas, as brincadeiras, os passeios e diversões daquela época.

Num outro instante, é comum entre os entrevistados ouvir as narrações sobre conflitos envolvidos antes da guerra. Os desmobilizados relatam que antes da guerra, envolviam-se em pancadarias com amigos, com rivais, com professores entre outras. Mas qualquer acto violento que envolvesse ferimentos, inchaços, ou fractura, era imediatamente recorrida as autoridades locais para a resolução do problema.

Como explica o nosso entrevistado;

Naquele tempo nos batíamos bem mesmo, mas quando ferisses o outro, o problema não terminava por ali. Era preciso chamar o chefe de quartirão ou apresentar a polícia.<sup>6</sup>

Segundo o depoimento apresentado, durante o conflito todos instrumentos capazes de contrair ferimentos graves nos outros eram tidos como inadmissíveis; nomeadamente facas, pedras, lâminas, entre mais. Estes instrumentos tinham a particularidade de gerar medo. Assim, diante dos conflitos todos actos violentos que provocassem ferimentos graves eram considerados inaceitáveis.

#### **4.1 A vida na guerra;**

##### **Combater para Sobreviver**

Esta parte do trabalho reserva a experiencia dos soldados e as lógicas que moldaram estas pessoas no contexto de guerra. Segundo a narrativa dos entrevistados, a experiência sobre a guerra varia de soldado para soldado. Depende muitas vezes dos actos que as pessoas presenciaram.

A experiencia destes soldados no tempo de guerra remete-nos atenção de três grupos distintos. Primeiro, de soldados que travaram ataques de guerrilha e foram

---

<sup>6</sup> Alifo- entrevista realizada na residência do entrevistado. No dia 13 de Janeiro de 2012. Cidade de pemba.

especializados, segundo de soldados que combateram e não foram submetidos a especialização, terceiro de soldados que não foram aos campos de batalha.

Como ilustra o desmobilizado;

Quando entrei na tropa fui formado na área de engenharia de minas. E especializado como sapador de minas, aquele que tira minas. Gostei muito da especialização porque eu sentia-me a vontade. Quando fosse chamado para tirar minas sentia-me importante, todas as pessoas olhavam para mim como um salvador. Tem uma expressão lá na guerra que diz que “ *o sapador só erra uma vez*”.<sup>7</sup>

Tendo em conta o depoimento deste informante é possível notar; primeiro o sentimento de satisfação por ter sido especializado como sapador de minas, aliada a sua importância em salvar vidas. Justifica que as minas eram um terror por onde as pessoas andavam.

Segundo, os soldados recrutados pelo governo, depois de três ou seis meses de treinamento, dependendo da duração, eram seleccionados e aprendiam atentamente os esteios de combate. Em algumas vezes as regras de moral cívica com os seus devidos instrutores. Terminadas as instruções os recém-soldados eram submetidos a especializações, como: socorristas, sapadores, radistas, contabilistas, instrutores, basuqueiros, motoristas, artilheiros, entre outras.

Dentro destas especializações havia promoções. De um lado, eram feitas aleatoriamente. De outro lado, os soldados mais habilidosos eram promovidos, ascendiam cargos como, tenente, capitão, major, e mais. À luz do nosso informante;

Hum! Lembro muito bem da minha primeira batalha foi em Massingir...ephhá...ya foi lamentável...houve muitos feridos, muitos mortos, até o nosso comandante foi atingido na boca. Ali, lembrei-me das táticas de combate que aprendi na instrução como socorrista, e tive que redobrar esforços, ganhei coragem e arriscai....fui recuperar os colegas para um sítio e voltei para

---

<sup>7</sup> Basílio- uma entrevista realizada nas Barracas do Museu (Maputo). No dia 12 de Agosto de 2011.

recuperar as armas. Depois dali os meus colegas gostaram muito e deram-me patentes para ser o comandante do meu grupo.<sup>8</sup>

A narração do informante socorrista remete-nos a convivência de traumas, crueldades, ferimentos, de pessoas que perderam os seus membros, aleijados, deformados psicologicamente, mortes catastróficas. A assimilação do novo mundo de luta pela sobrevivência.

Esta sobrevivência era feita de duas maneiras, por um lado em pegar nas armas e combater os inimigos; por outro lado, em actividades para distrair. Procuravam esquecer o que aconteceu no dia anterior, e evitar pensar o que poderia acontecer no dia seguinte. Muitas das vezes jogavam futebol, cartas, contavam-se estórias, cantavam músicas de encorajamento, de esperança, entre outras formas de descontração. Como reporta o nosso entrevistado;

Uma parte da vida militar era boa, nos tínhamos uma equipa de futebol que era boa. Era um grande futebolista, nessa altura estaria a jogar no estrangeiro. Ou seria um piloto de helicóptero haveria de me formar para ser especialista.<sup>9</sup>

Relativamente aos soldados que combateram sem especializações, eram comum na Renamo, devido ao rapto eram treinados simplesmente a pegar na arma e matar. Como explica o entrevistado:

Naquela altura não havia tempo para treinamento, só nos ensinavam a pegar na arma e matar. Recordo-me quando vencíamos as batalhas passávamos a confirmar os corpos atingidos, os que ainda respiravam dávamos tiros ou mesmo capturar-lhes para lhes torturar e nos contar os segredos do grupo deles.<sup>10</sup>

Nas situações expostas pelo informante podemos constatar a existência de práticas violentas e legitimadas na guerra. Há uma autêntica transformação dos valores adquiridos na vida anterior a guerra, a tortura que era uma prática condenada na vida anterior, na guerra é uma das principais regras para as conquistas.

---

<sup>8</sup> Alfredo-entrevista realizada na praia do Wimbe (Pemba).No dia 12 de Fevereiro.

<sup>9</sup> AMADE- entrevista realizada na AMODEG. No dia 14 de Fevereiro de 2012. Cidade de pemba.

<sup>10</sup> Afido - (ibd)

E por último, existiam aqueles que nunca travaram ataques de guerrilha. Normalmente eram os contabilistas, administradores, entre outros. Como explica a nossa entrevistada.

Eu nunca peguei na arma e matar pessoa, porque eu ficava no gabinete a tratar as contas Então! Não era preciso ir combater.<sup>11</sup>

Na guerra os dias são iguais assim como na sociedade civil, o que muda são os valores, as regras, os hábitos e sobretudo a certeza de viver. Aqui as pessoas ganham uma lógica partilhada pelos envolvidos como normal, e dentro desta normalidade partilham um complexo de conhecimentos; a partir do treinamento, das táticas de guerra, dos esteios de combate, e sobretudo de alguns aspectos violentos; o ato de matar condenado na vida social torna-se legítimo na guerra.

Deste modo, entendemos que em tempos de guerra a vida é baseada na luta pela sobrevivência. As pessoas matam para sobreviver, pois se isso não acontece elas são mortas. Elas vivem os dias como se fossem o último, preparadas para os eventuais ataques muitas das vezes dados por certos, valorizam ao extremo as batalhas conquistadas porque são a renovação de mais um dia vivo.

Assim, a guerra inscreve-se de forma indelével na maioria das pessoas aqui ela sobreviveram. Inevitavelmente provocam o trauma pós-guerra, alguns possuídos por fantasmas, convivem com eles, conversam e partilham o dia-dia. Para outros, de forma controlada são raramente atormentados.

## **4.2 A vida depois da guerra;**

### **Viver sem matar**

Nesta parte do trabalho reservamos a vida dos soldados depois da guerra. Numa primeira fase apresentamos o sentimento dos ex-soldados depois da guerra, numa segunda fase o destino após a desmobilização, e por ultimo as formas de reintegração.

---

<sup>11</sup> Joana- entrevista realizada na residência da entrevistada. No dia 13 de Janeiro de 2012. Cidade de Pemba.



Terminada a guerra, eram milhões de homens brutalizados, aleijados, arruinados e traumatizados, regressando a vida civil. Homens, que durante anos foram treinados a matar. Pois é, teriam de renunciar a sua profissão.

Entre eles foi comum ouvir discursos que nos remetem a duas visões; por um lado, o fim de uma tempestade de guerra. Significava para muitos alívio, como também expectativas de recompensa pelos anos de combate e pelas deficiências adquiridas.

À luz de Torres

Quando a guerra acabou, senti um alívio! Como se tivesse tirado um contentor das costas! Porá! Finalmente esta merda acabou. Esperava voltar para minha casa e minha família, continuar a estudar, trabalhar para sustentar os filhos que fiz no tempo de guerra<sup>12</sup>.

Nas situações expostas os soldados manifestaram sentimento de alívio pelo fim da guerra, expectativas de rever os seus familiares e um apoio por parte do governo em parceria com a ONUMOZ. Este apoio seria para recomeçar o tempo perdido na guerra.

Um outro aspecto partilhado pelos desmobilizados, o ressentimento, abandono por parte do governo. Por vezes fazem comparações com os antigos combatentes. Os desmobilizados reclamam muitas vezes que os antigos combatentes são dados uma atenção especial em detrimento a eles. Conforme veremos o depoimento a seguir;

Os antigos combatentes estão bem de vida, tem filhos a estudar no exterior. Até os Madjermanes que não lutaram têm uma pensão melhor que a nossa... Mas nós que lutamos para a democracia, que sofremos deficiências nada. Huff... esse assunto doí-me muito! O governo nos usou e nos deitou fora como pessoas que não prestam. Estas a ver Caterpillar quando abre a estrada, não volta a passar nessa mesma estrada. Então somos nós, nos matamos entre irmãos, e deixamos o caminho limpo para o governo e também para vocês jovens poderem viver a vontade.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Conforme os participantes, Joana, Tereza e Torres

<sup>13</sup> Depoimento partilhado por todos os participantes do estudo.

No que concerne, as desigualdades entre os desmobilizados de guerra e os antigos combatentes. Pode ser percebido à luz de Coelho (2003:195) escreve que Moçambique foi assolado por duas guerras, a luta pela Independência e a guerra civil. A primeira envolvia a colónia portuguesa e a Frelimo, e com fim desta guerra, levou a reintegração social dos guerrilheiros da FRELIMO, reconhecidos socialmente como heróis.

Pelo contrário, com o fim da segunda guerra, a resolução baseou-se na tentativa de reintegração das duas forças contendoras, nomeadamente a Frelimo e a Renamo. Dentro desta tentativa de resolução destacam-se os papéis da AMODEG e da Associação dos Deficientes Militares e Paramilitares de Moçambique (ADEMIMO), que surgiram depois do acordo de paz de 1992 especificamente para defender o interesse dos lutadores desmobilizados. Assim, se justifica a atenção do governo dada aos antigos combatentes em detrimento aos desmobilizados.

#### **4.3 Destino após a desmobilização**

Depois da desmobilização os soldados tiveram destinos diferenciados. Por um lado, houve soldados que voltaram as zonas de origem. Por outro lado, existiram os soldados que se instalaram noutras lugares devido, os laços de parentesco criados durante a guerra.

Segundo o relato do nosso entrevistado.

Quando regresssei da guerra, a minha família festejou muito por ter saído vivo, não tive nenhuma deficiência. Alguns dias depois participei numas cerimónias (*Kuphalha*) para afastar as coisas feias que passei lá na guerra.<sup>14</sup>

*Kuphalha* é um ritual de corpo usado para afastar “*maguezi*”. Surge muito antes da independência, é habitualmente praticado na Província de Gaza. Este ocorre na família, mãe, pai e filhos. É frequentemente usado para as pessoas que regressam da vida militar.

*Kuphalha* serve para prevenir a doença ou o *maguezi* trazido na guerra. Segundo as crenças as pessoa quando voltam da guerra trazem consigo aspetos malignos, como deficiências, violência, e mortes das pessoas que mataram ou ajudaram a matar. Deste modo o *tinhanha* é o responsável pelo tratamento de purificação e cura. Após o

---

<sup>14</sup> Basílio

tratamento o paciente fica livre de toda a maldade trazida da guerra e sobretudo o *maguezi*..

Comforme as declarações acima, Honwana (2002) escreve que o retorno dos desmobilizados de guerra foi acompanhado por uma ritualização, levado a cabo pelas famílias. Na verdade grandes prioridades das famílias mesmo antes da estabilização material foi a harmonização das relações com os espíritos ancestrais, e ‘purificação’ dos indivíduos e dos espaços físicos afectados pelo conflito.

Este processo de ritualização aconteceu nas diversas regiões dos Pais. Uma parte dos que soldados que se instalaram noutras lugares devido os laços de parentesco criados durante a guerra, alguns voltaram para as suas casas para participar nos processos de rituais de purificação.

Ilustra o entrevistado

.....Ai uma vez conversei com um colega dos tempos de guerra, ele disse-me era preciso participar nalgumas cerimónias porque carregamos algum azar na guerra. Ele era de Pebane...tinha voltado a casa....Jurou-me ter ido la para tratar dessas coisas...depois de um tempo e as dificuldades que enfrentava....Resolvi viajar para a minha terra em Ancuabe....quando cheguei la o meu pai já tinha falecido...falei com a minha mãe e com algumas pessoas mais velhas da aldeia e aconselharam a fazer as ... Nthukuriyo . E mais tarde voltei aqui para Maputo.<sup>15</sup>

O Nthukuryo é um ritual de corpo para livra-lo ou liberta-lo de “mavuka” azares, maus espíritos e de ações macabras de feiticeiros e mesmo de maldições. Nthukuryo surge antes da independência, e praticado na Província de Cabo Delgado. Este ritual ocorre na família, pai, mãe e filhos.

Os fenómenos que originam o ritual são: mortes que ocorrem na família em circunstâncias inexplicáveis como: enforcamento, atropelamento, epidemias (cólera) afogamentos, mortes perpetradas por animais, Crocodilo, Leopardo, ou mordedura de uma Cobra, asfixia num incêndio, após a soltura numa cadeia, após o regresso da vida militar, sobretudo quando tiver participado na guerra e saído ileso, inchação total a começar pela barriga entre outras.

---

<sup>15</sup> Torres

Os oficiantes do ritual são os anciãos da linhagem; Humo ou Apwiamwene (rainha). Desde que saibam realizar o ritual. Efeitos positivos segundo as crenças, tratando - se da morte que ocorreram em circunstâncias anormais, situações de género não se repetem. Se não se faz a probabilidade de se repetir na família mortes de género é maior. O regressado da guerra e ex-presos estão cheios de impurezas e azares e nunca terão sucessos pela vida fora. Vão se vendo rejeitados sem motivos, insultados, expulsos de serviços, brigas no lar, por isso devem submeter-se ao ritual. Finalmente a partir desse momento em diante ficam limpos de corpo e alma e passarão a viver harmoniosamente com todos.

Tendo em conta estes depoimentos, depreendemos que o regresso dos desmobilizados foi acompanhado por duas formas de reintegração, os que foram submetidos a rituais de limpeza e purificação. Estes rituais levados a cabo pela iniciativa das famílias e dos soldados tornaram-se fundamentais para o processo de reintegração. Os curandeiros foram os mestres dos rituais para afastar o trauma, os maus espíritos e outros aspectos considerados pela sociedade como malignos. Assim, esses rituais tinham em vista apaziguar os traumas da guerra, e aceitação harmoniosa nas suas comunidades.

Por outro lado, houve também a reintegração iniciada pelo governo em parceria com a ONU/MOZ. Esta reintegração foi em grande parte acompanhada pelas assistências das Nações Unidas em Moçambique. Os ex-soldados auferiram dinheiro para 18 meses, alguns instrumentos para lavrar a machamba, como enxadas, sementes entre outras coisas. Os ex-soldados aplicariam estes instrumentos na agricultura. Mas este processo foi um fracasso devido as complicações económica, e políticas.

#### **4.4 Discussão**

Os nossos informantes tinham uma vida social estruturada com determinadas lógicas sociais e culturais que integradas em comunidade mais ampla eram aceites. Depois foram submetidos a guerra, um contexto com lógicas completamente diferente da vida anterior, eles adquiriram outras regras como forma de sobrevivência. Aquando da desmobilização os mesmos ficaram sujeitos aos padrões culturais de contextos semelhantes dos que teriam vivido antes da guerra.

No entanto, uma das condições para serem aceites na comunidade seria a passagem pelos rituais de limpeza e purificação. Estas reflexões remetem-nos a duas visões; por

um lado a passagem dos rituais de purificação e limpeza, e por outro lado a problematização do conceito de reintegração, tendo como pano de fundo aspectos que caracterizam a transição do período que envolve a pré-guerra para a guerra e pós-guerra.

Estes dados contradizem a estrutura dos ritos apresentados por Genep (1978:25-27) ao afirmar que os ritos de passagem se encontram estruturados em três etapas: separação, margem e agregação.

Pois, os dados nos remetem á seguinte estrutura: pré-guerra, guerra e pós-guerra. Segundo o relato dos entrevistados, os rituais são fundamentais nos primeiros anos depois da guerra para que tenham aceitação nas suas comunidades tendo em vista a apaziguar as lembranças da guerra.

Mary Douglas ao discutir a ideia de pureza e impureza esclarece que a sociedade classifica os valores em puros e impuros com vista a padronizar as regras. Neste contexto os rituais aparecem para limpar e purificar *a sujidade*, de modo que não haja *contaminação* aos outros.

Deste modo, os rituais não só mostraram-se importantes para o digno regresso destas pessoas, pois, também foram importantes para apaziguar as recordações da guerra que por vezes aparecem repentinamente ou mesmo quando aqueles partilham as suas experiencias ou narrações com colegas, amigos, familiares entre outros.

Neste contexto, a memória tem o seu papel, no olhar de Cabral (2006:144) onde o impacto de uma experiência de guerra e de pós-guerra no ser humano depende, em grande parte, da significação que este consegue fazer sobre a experiência, ou seja, a narrativa de guerra que constrói a partir da memória pessoal e colectiva.

Nesta ordem de ideias Kenny (1990) explica que a memória é uma resposta humana ao passado onde opera o duplo processo de recordar e esquecer, sendo continuamente transformada em cada acto de recordação. O autor em alusão salienta que apesar de intrinsecamente pessoal e subjectiva, a memória é também moral e culturalmente mediada, definindo o individuo através do seu exercício de recordação.

De forma adicional Kirmayer *apud* Cabral (2005:144) ressalta que o modelo de memória vigente num dado grupo social, influencia a selecção do que é importante para

ser memorizado cabendo em ultima instancia ao desmobilizado partilhar o que lhe parece oportuno, pois a memória tem uma importante função social neste sentido.

Numa segunda fase discutimos o conceito de reintegração. Para Ferraz (2008:456) no seu artigo “As guerras mundiais e os seus veteranos: uma abordagem comparativa” demonstra que a reintegração social significa restituição possível da vida anterior do indivíduo depois de cumprir o dever militar, ou ter estado na cadeia.

Por conseguinte, o historiador Coelho (2002:198) observa que a noção reintegração social contém três pressupostos; primeiro os desmobilizados já estiveram integrados na sociedade, segundo, a guerra ou vida militar os separou dela, terceiro há necessidade de reintegra-lo no corpo social.

A nossa reflexão sobre os argumentos destes autores, leva-nos a acreditar que a reintegração é um termo ambíguo e impreciso, porque não se apresenta de forma linear em todos os contextos. No que tange aos nossos pesquisados; antes da guerra tinham uma vida social estruturada com determinadas lógicas ocorrendo o facto de que com a guerra separaram-se dessas lógicas e adquiriram novas regras sociais e culturais e só posteriormente e através dos rituais de reintegração foram submetidos a lógicas semelhante da vida que os caracterizara no período antes da guerra.

Nesta perspectiva temos por um lado os soldados que regressaram as zonas de origem, passados mais de dez anos e depararam-se com realidades social totalmente diferentes. Por outro lado, temos pessoas que foram se fixando nos lugares de desmobilização estes começaram a vida num lugar que nunca tinham vivido. Portanto, para estes últimos não seria somente um processo de reintegração na sociedade, mas sim integração baseada na aprendizagem dos conhecimentos partilhados pelos membros da sociedade a que pertencem.

De acordo com Parsons *apud* Schnapper, (2007) a integração é desencadeada pelo processo de socialização e pela aprendizagem contínua que o indivíduo interioriza sobre as normas colectivas. A socialização permite a adequação entre a cultura, a sociedade e a personalidade. Deste modo, o retorno dos desmobilizados é caracterizado por aprendizagem contínua das regras que norteiam a vida social.

## **5. Considerações Finais**

Chegados nesta fase resta-nos tecer algumas considerações finais sobre as discussões que fizemos neste estudo. Com o presente estudo procuramos analisar o processo de reintegração social dos desmobilados de guerra civil submetidos a rituais de limpeza e purificação.

Para possibilitar a compreensão deste estudo, primeiro, discutimos autores e perspectivas de diversos contextos sociais, por outro lado, recolhemos dados nas cidades de Maputo e Pemba e por último analisamos os mesmos à luz da literatura que debruça sobre o nosso tema.

De acordo com os dados obtidos foi possível verificar que o processo de reintegração social dos desmobilados de guerra civil submetidos a rituais de purificação efectua-se de acordo com aprendizagem dos valores culturais que marcam o dia-a-dia.

Nesta aprendizagem eles incorporam um complexo de conhecimentos partilhados pela sociedade tanto a nível individual e, ou, colectivo. A nível individual para além de incorporarem a cadeia de valores e significados da sociedade, muitas das vezes, a vida destas pessoas é acompanhada por recordações dolorosas sobre a guerra tendo em conta que alguns deles foram torturados, feridos ou viram mortos os seus colegas, e, ou, praticaram abusos horríveis as pessoas que mataram seus pares entre outras atrocidades.

As experiencias da guerra acompanham constantemente a vida destas pessoas porque muitas das vezes recordam as suas tristezas, alegrias, os seus fracassos, e conquistas. Porém, as marcas de identidade de soldado ficam impregnadas em suas vidas. Neste sentido Baumam (2008: 13) escreve que as identidades são criações e recriações por isso a sua análise deve ter em consideração o contexto onde as pessoas estão inseridas quando afirmam a sua identidade.

Assim, os nossos dados acrescentam que os rituais ajudaram a reconstituir o individuo a normalidade, pois através dos rituais houve apaziguamento dos espíritos. Para o efeito o processo de normalidade é feita em forma de aprendizagem com vista a integração dos indivíduos.

Por outro lado, o retorno a normalidade é fruto de um esforço colectivo porque o governo através de algumas instituições apoiam aos desmobilados com pensão de

reforma a estas pessoas, por outro lado o governo delega as associações sobretudo a AMODEG com vista a zelar os interesses dos desmobilizados.

Finalmente, cientes que nos estudos exploratórios as limitações são várias e nunca esgotadas, para as pesquisas futuras sugerimos duas linhas de pesquisa; primeira a uma análise das militares submetidas a rituais de purificação. Pois, tivemos insuficiência de depoimentos das mulheres. Segundo uma análise dos rituais identificados ao longo da pesquisa, devido a sua abrangência não caberia a sua análise neste relatório.



## 6. Referências Bibliográficas

BAUMANN, Gerd., 1999. *The Multicultural Riddle. "Rethinking National, Ethnic and Religious Identity"*. New York & London: Routledge.

CABRAL, Ilundi, 2005. "Digerir o passado. Mecanismos sócio-culturais da reintegração social e familiar de crianças – soldado no sul de Moçambique". Dissertação de licenciatura em Antropologia, Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.

DOUGLAS, Mary. 1978. "Pureza e Perigo: Ensaio sobre as Noções de Poluição e Tabu. Lisboa": Edições 70.

FERRAZ, Francisco 2008. "As Guerras Mundiais e seus veteranos: uma abordagem comparativa". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 28, nº 56, p. 463-486 – Departamento de História, Universidade Estadual de Londrina

FREEDMAN, Maurice.1978. "Antropologia Cultural e Social". 2 vols. Lisboa: Bertrand.

GAULEJAC, Vicent. ; LÉONETTI, Taboada. (1994. "La Lutte des Places: Insertion et Désinsertion," Paris, Éd.Desclée de Brouwer

GEFFRAY, Christian. 1991. "A Causa das Armas. Antropologia da Guerra Contemporânea em Moçambique." Porto: Afrontamento

GENNEP, Arnold van.1978. "Os Ritos de Passagem." Petrópolis: Vozes.

GIULIANI, Ricardo 2006 "Processo penal militar: uma análise do ritual, Judiciário, disciplina e hierarquia." Porto Alegre Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) – Faculdade de Direito, PUCRS.

GRANJO, Paulo.2007a. "Limpeza ritual e reintegração pós-guerra em Moçambique" *Análise Social*, Vol. XLII (182), 2007, 123-144.

HONWANA, Alcinda 2002. "Espíritos Vivos, Tradições Modernas: Possessão por Espíritos e Reintegração Social Pós-guerra no Sul de Moçambique" Maputo: Promédia. Zahar Editor.

LARAIA, Roque de Barros. 1992 [1986]. "Cultura: um Conceito Antropológico." 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge

PROPAZ (Org.) 2005 "Lutas em tempo de paz: trabalhando com ex-combatentes em Moçambique. O seu trabalho as suas frustrações e sucessos." Maputo, Niza .Instituto Holandês para Africa Austral.

POIRIER, *at all*, 1995, "Histórias de Vida: Teoria e Prática." Oeiras: Celta Editora.

RICHARDSON, R. J. 1999. Pesquisa Social: "Métodos e Técnicas" (3ª edição). São Paulo: Editora ATLAS.

RIVIÈRE, Claude. 1932 – "Os Ritos Profanos" Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996.

RODOLPHO, Adriane 2004 "Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica". Estudos Teológicos, v. 44, n. 2, p. 138-146.

VINES, Alex. 1991. "Renamo: from terrorism to democracy in Mozambique?" Oxford, Oxford University Press.

SANTOS, Boaventura, *at al* 1993 Conflito e transformação social: "uma paisagem das justiças em Moçambique." Porto. Edições Afrontamento. "COELHO, J. P. B. (2002), «Antigos soldados, novos cidadãos: a reintegração dos desmobilizados de Maputo», in Estudos Moçambicanos, 20, pp. 195-228. SCHNAPPER, Dominique. 2007" O que é Integração? "Oeiras: Celta Editora.

TURNER, Victor.1974. "O Processo Ritual: Estrutura e Anti-estrutura". Petrópolis: Editora Vozes.

WEST, Harry 2004. "Girls with guns: narrating the experience of war of FRELIMO's 'Female Detachment'." In: Boyden, J.; de Berry, J. (ed.). Children and youth on the front line: ethnography, armed conflict and displacement. Oxford, New York, Berghahn Books: 105 – 129.

KENNY, Michael. 1996. "Trauma, time, illness and culture. An anthropological approach to traumatic memory." In: Antze, Paul; Lambek, M. (ed.). "Tense past.

Cultural essays in trauma and memory. ” San Francisco, University of California Press: 151 – 171.

KIRMAYER, Laurence. 1996. Landscapes of memory. ”Trauma, narrative, and dissociation. ” In: Antze, P.; Lambek, M. (ed.). Tense past. Cultural essays in trauma and memory. San Francisco, University of California Press: 173 – 197.

ZONJO, J. 2000. “Da problemática da Investigação à Investigação Como Problema” in Serra Carlos (dir.). Racismo, Etnicidade e Poder: Um Estudo em Cinco Cidades de Moçambique. Maputo: Livraria Universitária.